



Educação sexual na infância: construindo saberes por meio da educação popular

JOAO GABRIEL CONCEICAO SANTOS
RAYNARA MATOS DE JESUS
RODRIGO DE JESUS FRANÇA
CARLOS EDUARDO MATOS DE OLIVEIRA
LUIZ CARLOS PACHECO MAIA SEGUNDO

Sexual education in childhood: constructing
knowledge through popular education

Sexual education in childhood:
constructing knowledge through
popular education

PALAVRAS-CHAVE
PEDAGOGIA FREIRIANA.
PROTAGONISMO
INFANTIL.
SEXUALIDADE.
PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA.
SAÚDE INTEGRAL.

RESUMO O presente trabalho trata-se de uma prática extensionista sobre educação sexual realizada com alunos do 5º ano, baseada na pedagogia freireana e nos princípios da educação popular em saúde. A metodologia, dividida em quatro etapas, incluiu a imersão diagnóstica na escola e a aplicação de dinâmicas participativas. A primeira oficina focou na criação de vínculos e na investigação do corpo como território, enquanto a segunda utilizou uma caixa de dúvidas anônima para abordar as perguntas reais dos alunos. As atividades, como rodas de conversa e a criação de um mural coletivo, promoveram autonomia das crianças e desmistificaram o tema. Os resultados reforçam a educação sexual como uma ferramenta de proteção e conscientização, destacando a necessidade de políticas públicas e de capacitação de educadores para abordar a vulnerabilidade e a violência.

KEYWORDS
FREIREAN PEDAGOGY.
CHILD PROTAGONISM.
SEXUALITY.
VIOLENCE PREVENTION.
INTEGRAL HEALTH.

ABSTRACT This study describes a pedagogical intervention on sex education carried out with 5th-grade students, based on Freirean pedagogy and the principles of popular health education. The methodology, divided into four stages, included a diagnostic immersion in the school and the use of participatory dynamics. The first workshop focused on building bonds and exploring the body as a territory, while the second used an anonymous question box to address students' real inquiries. The activities, such as round-table discussions and the creation of a collective mural, promoted children's autonomy and demystified the topic. The results reinforce sex education as a tool for protection and awareness, highlighting the need for public policies and teacher training to address vulnerability and violence.

JOÃO GABRIEL CONCEICAO SANTOS

Graduando em Bacharel em saúde UFRB e
Graduando em Medicina - UFRB.

E-mail: joaogabrielconceicaosantos@gmail.com

RAYNARA MATOS DE JESUS

Graduando em Bacharel em saúde UFRB e
Graduando em Medicina - UFRB.

E-mail: raynaramatos33@gmail.com

RODRIGO DE JESUS FRANÇA

Bacharel em Direito UFBA, Graduando em
Bacharel em saúde UFRB e Graduando em
Medicina -UFRB.

E-mail: rjf.med@aluno.ufrb.edu.br

**CARLOS EDUARDO MATOS DE
OLIVEIRA**

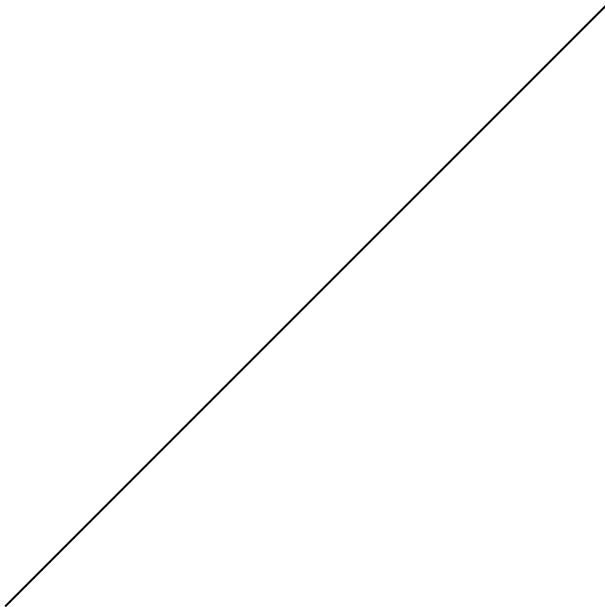
Graduando em Bacharel em saúde UFRB e
Graduando em Medicina - UFRB.

E-mail: cadu1852@aluno.ufrb.edu.br

**LUIZ CARLOS PACHECO MAIA
SEGUNDO**

Graduando em Bacharel em saúde UFRB e
Graduando em Medicina - UFRB.

E-mail: luizsegundo@aluno.ufrb.edu.br



INTRODUÇÃO Esse estudo relata a experiência de extensão de estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, promovida a partir de um componente curricular do quinto semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: “Comunicação em Saúde”. A proposta do trabalho era de aproximar a universidade do território, na perspectiva da educação popular em saúde, inspirada e fundamentada na pedagogia de Paulo Freire. Nesse contexto, as ações foram desenvolvidas em uma escola municipal em Santo Antônio de Jesus, com uma turma do 5º ano.

O processo de aproximação com o território demonstrou a relevância e urgência de abordar o tema da educação sexual com crianças e adolescentes. Sob esse viés, a sexualidade integra o desenvolvimento humano desde a infância, mas sua abordagem na escola ainda enfrenta resistências marcadas por moralismos e silenciamentos. Nesse sentido, enfatizamos que a criança é um sujeito de direitos, e essa compreensão é essencial para formulação de práticas pedagógicas que promovam saúde, respeito e prevenção da violência (Oliveira et al., 2018; Santos; Ippolito, 2016).

Articulada à pedagogia freireana e à interculturalidade, essa experiência extensionista teve como objetivo contribuir para a construção de espaços inclusivos e emancipadores, fortalecendo a autonomia dos sujeitos e o papel da escola como uma rede de proteção à infância e à adolescência.

METODOLOGIA As ações ocorreram entre maio e junho de 2025, sendo pensadas e desenvolvidas a partir dos ensinamentos construídos mediante leitura e socialização de conteúdos pautados nos pressupostos da educação popular em saúde. Por se tratar de atividade de extensão com caráter exclusivamente educativo, sem coleta de dados pessoais identificáveis e sem intervenções que envolvessem riscos à integridade dos participantes, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

As atividades foram organizadas em quatro etapas integradas e, ao final de cada uma delas, o grupo se reunia com o intuito de revisar o que havia sido realizado até então e planejar as ações futuras. O primeiro

momento foi dedicado ao resgate dos postulados teóricos e metodológicos das práticas pedagógicas freirianas, visando romper com o modelo tradicional de educação bancária e favorecer o protagonismo das pessoas que participaram das intervenções (Freire, 1987). Além disso, realizou-se a escolha do local onde as ações aconteceriam, com base na observação da ligação territorial e simbólica entre o espaço e a universidade.

No segundo momento, foi realizada uma imersão diagnóstica na instituição de ensino escolhida, com o objetivo de investigar as demandas que emergiam no cotidiano daquele ambiente e que poderiam subsidiar a construção das ações. Nesse processo, ocorreram conversas com a direção, a coordenação e a equipe pedagógica nas quais foram elencados temas como alimentação balanceada, perigos da internet, transformações corporais na puberdade, manifestações de afetividade entre estudantes, gravidez na adolescência, higiene pessoal e respeito à diversidade. A partir da escuta qualificada desses profissionais e da observação das dinâmicas da instituição, definiu-se, de forma dialogada, que os alunos do 5º ano – crianças e adolescentes entre 11 e 13 anos – seriam o público-alvo, tendo a sexualidade como tema norteador. Tal escolha, portanto, não se constituiu como uma decisão prévia, mas como resultado desse movimento de escuta e leitura da realidade, em consonância com a perspectiva freiriana, compreendendo-a como um tema gerador potente por abarcar uma quantidade maior de subtemas, articular conhecimento e experiência, favorecer o diálogo e valorizar as diferenças.

A terceira etapa correspondeu ao primeiro encontro presencial entre a equipe e os alunos participantes. As dinâmicas propostas para esse momento foram delineadas previamente a partir da articulação entre a revisão da literatura sobre metodologias participativas em educação em saúde e os processos criativos vivenciados pelos membros da equipe, considerando as especificidades da faixa etária e do contexto do grupo. Foram realizadas três dinâmicas educativas. A primeira teve como objetivo fomentar a criação de vínculos entre a equipe e os alunos, a partir da exposição de dois fatos – um real e outro fictício – sobre a vida de cada participante, estratégia que favoreceu a aproximação e a construção de um ambiente de confiança. A segunda dinâmica, denominada “*Meu corpo, meu território*”, buscou explorar temas relacionados à identificação das partes íntimas e às mudanças corporais decorrentes do processo natural de desenvolvimento. Já a terceira atividade consistiu na caixa de dúvidas “*O que eu queria saber e tenho vergonha de perguntar?*”, na qual os alunos, de forma anônima, escreveram seus questionamentos sobre sexualidade. Essa proposta possibilitou investigar o repertório vocabular do grupo e identificar os principais temas que geravam inquietações.

A quarta e última etapa, ocorrida no segundo encontro entre alunos e equipe, teve como base as questões levantadas na caixa de dúvidas. A partir delas, foi possível identificar os subtemas dentro do campo da sexualidade que mereciam maior atenção. Esse momento foi dividido em duas partes: a primeira foi destinada ao esclarecimento das dúvidas mais recorrentes, e a segunda à construção do mural coletivo “*Corpo, Emoções e Respeito: Desvendando a Sexualidade*”. Nesse mural, os próprios alunos, a partir dos conhecimentos construídos e dos materiais disponibilizados, expuseram seus entendimentos sobre o tema. As oficinas adotaram abordagens participativas, como rodas de conversa, colagens, desenhos e vídeos educativos, todos voltados à faixa etária do público-alvo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira oficina, realizada no dia 9 de junho de 2025, teve como principal finalidade o estabelecimento de vínculos afetivos e relacionais com as crianças, de modo a favorecer um ambiente acolhedor e propício à participação ativa e espontânea. Diferente de atividades expositivas tradicionais, este encontro privilegiou o protagonismo, a autonomia e a valorização das experiências de vida, alinhando-se aos pressupostos freireanos de que o processo educativo deve partir da realidade concreta e dos interesses dos sujeitos envolvidos (Freire, 1987).

Para viabilizar a aproximação com as experiências corporais das crianças de forma reflexiva e sensível, fez-se uso de estratégias pedagógicas intencionalmente pensadas para esse fim. Dentre elas, a dinâmica “Meu corpo, meu território” cuja aplicação se mostrou fundamental para acessar as representações subjetivas que as crianças elaboram sobre seus próprios corpos, bem como para identificar as noções prévias que possuíam acerca de respeito, limites e consentimento.

Nesse sentido, a atividade oportunizou não apenas a problematização das mudanças corporais típicas do desenvolvimento infantil, mas também contribuiu significativamente para o desenvolvimento de uma percepção crítica e cuidadosa sobre o próprio corpo. Tal perspectiva está em consonância com os pressupostos da educação sexual emancipatória, em que deve ser orientada por uma ética de liberdade visando construir nas escolas sujeitos que possam refletir sobre sua autonomia, respeito e consciência dos direitos corporais desde a infância (Altmann; Martins, 2009).

Complementando essa abordagem, a disponibilização da caixa anônima intitulada: “O que eu quero saber, mas tenho vergonha de perguntar?”, apresentada na figura 1, permitiu às crianças, registrar dúvidas e curiosidades relacionadas à temática da sexualidade. Desse modo, a estratégia de garantir o sigilo das autorias revelou-se eficaz para a criação de um ambiente seguro e acolhedor, favorecendo a expressão livre de questões que, por seu caráter íntimo ou delicado, dificilmente seriam verbalizadas em contextos expositivos. Essa escuta anônima e atenta foi essencial para identificar as demandas reais do grupo e orientar, com maior precisão e sensibilidade, os encaminhamentos pedagógicos subsequentes.



FIGURA 1- CAIXA ANÔNIMA "O QUE EU QUERIA SABER E TENHO VERGONHA DE PERGUNTAR?"/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

Dessa forma, foi perceptível que a referida oficina se mostrou particularmente significativa no que diz respeito ao reconhecimento vocabular e às experiências culturais que compõem o cotidiano das crianças. A partir de uma escuta atenta e situada, foi possível acessar os conhecimentos prévios que elas já possuíam sobre o tema proposto, revelando percepções moldadas por suas trajetórias, contextos familiares e socioculturais. Tal perspectiva dialoga com a concepção de educação problematizadora defendida por (Freire, 1987), ao reconhecer os saberes construídos na vivência como ponto de partida para a aprendizagem significativa.

A experiência também revelou a recorrência de situações de violência e vulnerabilidade vivenciadas pelos alunos no contexto escolar, especialmente relacionadas às questões de sexualidade. Esse achado reforça a compreensão da escola não apenas como espaço de aprendizagem formal, mas também como ambiente de socialização onde conflitos, preconceitos e desigualdades estruturais se manifestam. À luz da perspectiva freireana, a educação deve constituir-se como prática de liberdade, fundamentada no diálogo, na escuta e na problematização da realidade concreta dos sujeitos (Freire, 1987). Nesse sentido, a invisibilização ou o silenciamento das vivências dos estudantes compromete o potencial emancipatório do processo educativo. A frequência desses relatos aponta para fragilidades no preparo institucional para lidar com as múltiplas dimensões da sexualidade e com a diversidade das faixas etárias presentes na instituição.

Nessa perspectiva, o segundo dia de visita, realizado em 16 de junho de 2025 foi cuidadosamente delineado a partir das perguntas recolhidas anonimamente na caixa de dúvidas durante o primeiro encontro. Tais questões foram analisadas e categorizadas conforme

os eixos temáticos relativos à sexualidade, possibilitando a organização dos conteúdos abordados de forma coerente para a construção de um espaço de conhecimento pautado nas reais demandas expressas pelas crianças. A sistematização desse processo está representada na Tabela 1.

PESSOA	PERGUNTA	EIXO DA SEXUALIDADE
Pessoa 1	É errado uma pessoa chegar perto demais de mim ou ficar me encarando?	Relações de poder e consentimento
Pessoa 2	O que é sexo e sexualidade?	Identidade/Expressão Sexual/Corporal, Reprodutivo e Afetivo
Pessoa 3	Pode meter o pênis na vagina?	Reprodutivo e Corporal
Pessoa 4	Tenho vergonha de contar para uma pessoa que gosto dela e gostaria de perguntar	Afetivo e Identitário
Pessoa 5	Criança do segundo ano pode namorar?	Etapas do desenvolvimento
Pessoa 6	É errado sentir vontade de ser um menino?	Identidade de gênero
Pessoa 7	O que é esperma?	Corporal e Reprodutivo
Pessoa 8	Por que existe sexo LGBT?	Diversidade Sexual
Pessoa 9	Parte íntima do corpo não pode tocar?	Consentimento e Proteção
Pessoa 10	Como os bebês nascem e como o bebê é formado na barriga?	Reprodutivo e Corporal
Pessoa 11	Por que será que tem muitos homens ruins no mundo?	Relações de poder / Violência
Pessoa 12	Por que a gente não pode fazer amor?	Afetivo e Sexual
Pessoa 13	Sexualidade para mim é pôr o pênis na bunda	Corporal e Reprodutivo
Pessoa 14	A sexualidade é entre uma mulher e um homem	Normatividade Sexual
Pessoa 15	Com quantos anos um homem começa a produzir esperma?	Corporal e Puberdade
Pessoa 16	Quando a pessoa namora, beija na boca?	Afetivo / Expressão do afeto
Pessoa 17	Quando uma menina me abraça, tenho medo de tocar sem querer...	Consentimento / Corpo e Toque

TABELA 1 – PERGUNTAS E EIXOS DA SEXUALIDADE/
FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

Ao trabalhar a partir das dúvidas e curiosidades expressas pelos próprios participantes, observou-se maior engajamento e uma postura ativa nas discussões, fenômeno também identificado em experiências extensionistas voltadas a comunidades tradicionais (Rivera; Scarcelli, 2021). Tal escolha contribuiu para que o conteúdo fosse construído de forma dialógica, evitando a reprodução de modelos educativos verticais.

A divisão em grupos foi outro elemento que favoreceu a participação integral, pois permitiu atenção individualizada e a expressão de diferentes vozes, inclusive daquelas que tendem a se silenciar em espaços coletivos amplos. Essa organização viabilizou a inserção plena das crianças, que puderam articular suas contribuições a partir de um universo vocabular construído no cotidiano escolar e comunitário, processo essencial para a construção de significados compartilhados (Medeiros, 2019). O momento de socialização, em que cada

grupo apresentou aos demais o resultado de suas discussões, desempenhou papel central na circulação e validação coletiva do conhecimento. Esse intercâmbio de saberes, aliado à escuta ativa entre pares, fortaleceu o sentimento de pertencimento e estimulou a valorização das diferentes formas de expressão, aproximando-se de práticas interdisciplinares em educação popular (Rivera; Scarcelli, 2021).

Os materiais produzidos coletivamente foram expostos nas paredes da sala, seguindo o acordo estabelecido no encontro anterior. Essa ação atendeu a dois objetivos: garantir a visibilidade permanente do trabalho e ampliar seu alcance, possibilitando que outros membros da comunidade escolar se apropriassem dos conteúdos construídos. A estratégia dialoga com abordagens que defendem a ocupação de espaços escolares como território de memória e reflexão contínua (Eleutério Mundim et al., 2021). Assim como observado em iniciativas semelhantes descritas na literatura, o protagonismo dos participantes e a adaptação da metodologia às demandas locais mostraram-se fundamentais para o êxito da ação. Quando o processo educativo incorpora a experiência e o saber prévio dos sujeitos, há maior potencial de transformação social, pois as aprendizagens são percebidas como significativas e aplicáveis à realidade (Freire, 1987; Medeiros, 2019). Os produtos finais seguem apresentados nas imagens 2, 3 e 4.

Portanto, o segundo encontro não apenas consolidou os objetivos previstos, como também reforçou a importância de estratégias participativas, horizontais e dialógicas para promover o engajamento genuíno dos envolvidos, favorecendo o desenvolvimento de competências críticas, colaborativas e comunicativas, aspectos essenciais para a formação cidadã e para a promoção de saúde e bem-estar nos espaços educativos.

FIGURA 2 – MATERIAL EDUCATIVO SOBRE GÊNERO, DIVERSIDADE E MÚLTIPLAS FAMÍLIAS / FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).



FIGURA 3 – MATERIAL EDUCATIVO SOBRE ÓRGÃOS REPRODUTORES, GRAVIDEZ E PROTEÇÃO/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

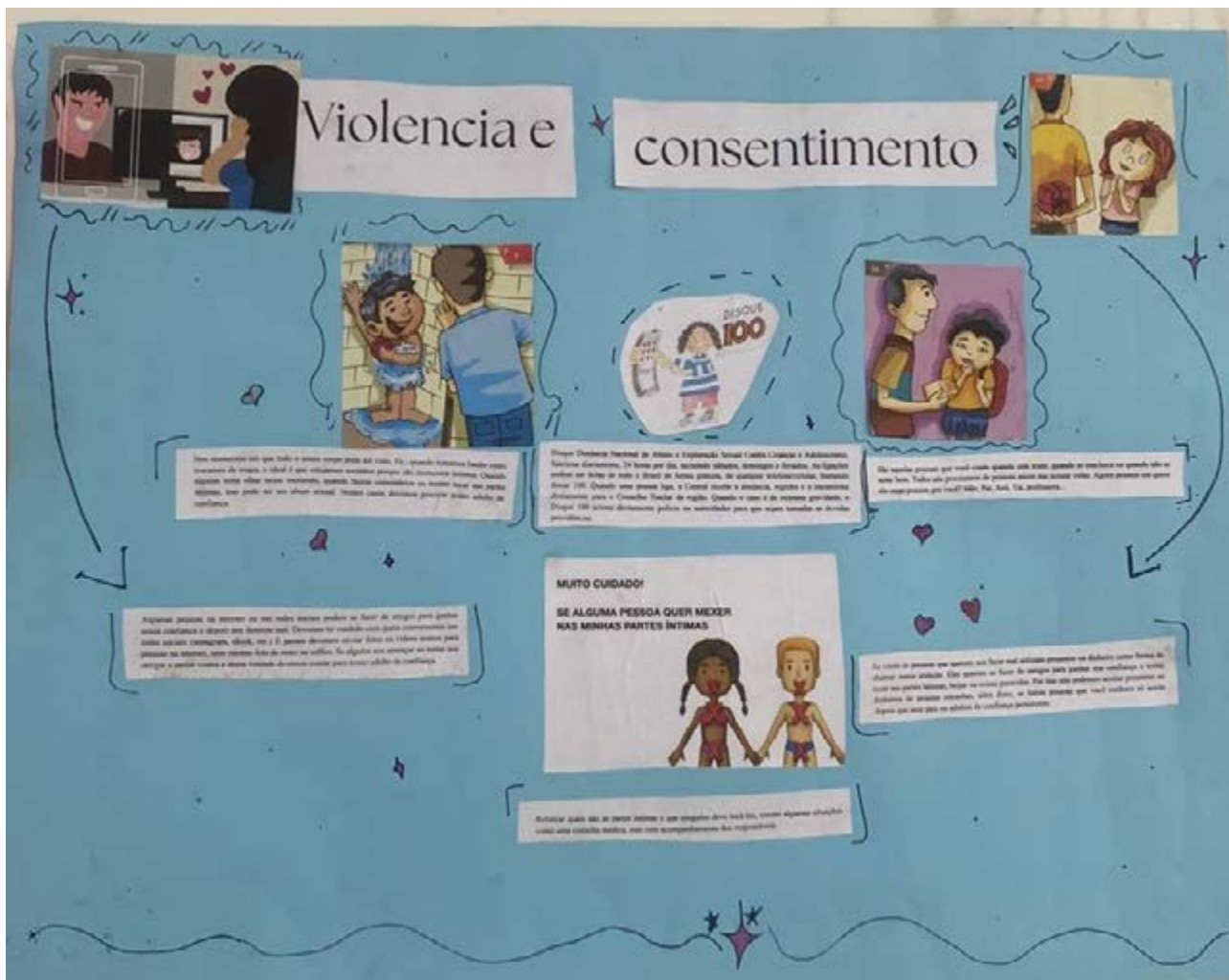


FIGURA 4 – MATERIAL EDUCATIVO SOBRE VIOLÊNCIA E CONSENTIMENTO/ FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS Durante as ações realizadas, foi evidenciado a importância da educação sexual como ferramenta de proteção e conscientização, contribuindo para a saúde integral bem como o desenvolvimento crítico e a construção de um projeto de vida mais consciente por parte dos jovens. Ao oferecer um espaço seguro para o diálogo, essas iniciativas capacitam os jovens a identificar e prevenir situações de abuso e vulnerabilidade, fortalecendo a rede de proteção social.

Por fim, se destacaram como limitações da atividade, a delicadeza do tema, que exige sensibilidade e preparo técnico para abordar um tema rodeado de mitos e tabus, além da necessidade de adaptar a linguagem e metodologia para trabalhar com os alunos de forma clara e didática. Além disso, houve também a limitação temporal do projeto, uma vez que o curto período disponível dificultou o aprofundamento de temas tão amplos e complexos. Diante disso, recomenda-se o fortalecimento de políticas públicas voltadas à formação continuada de educadores sobre educação sexual, assim como suporte psicológico e pedagógico necessário para lidar com situações de vulnerabilidade, além da inclusão permanente da temática no currículo escolar de forma interdisciplinar e acessível.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; MARTINS, Carlos José. Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 63–80, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/LwmhPjksPdYrwjkM4NdrXCw/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

ELEUTÉRIO MUNDIM, M. L.; POLIZELLI LEITE DE SOUZA, M.; GAMA, V. C. Transformação da percepção da menstruação entre gerações. **Tensões Mundiais**, v. 17, n. 33, p. 229–247, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/3435>. Acesso em: 06 ago. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 06 ago. 2025.

MEDEIROS, L. F. de. A inter-relação entre transtornos mentais comuns, gênero e velhice: uma reflexão teórica. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 27, n. 4, p. 448–454, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/cMhBSTyr6qcRFJfwnZQKH3M/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

OLIVEIRA, I. A. de; TEIXEIRA, H. T. G. C. L.; SANTOS, T. R. L. dos. Educação popular freireana e práticas educacionais interculturais: sexualidade como tema gerador. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 4, p.1309–1333.

RIVERA, M. F. de A.; SCARCELLI, I. R. Contribuições feministas e questões de gênero nas práticas de saúde da atenção básica do SUS. **Saúde em Debate**, v. 45, n. spe1, p. 39–50, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/3rVJfxZrLVvdtVHSMTWX3Sd/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual**. São Paulo: Childhood – Instituto WCF-Brasil; Prefeitura da Cidade de São Paulo. Secretaria de Educação, 2016. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/app/uploads/2022/12/guia-de-referencia-redes-de-protecao-na-educacao-construindo-uma-cultura-escolar-de-prevencao-a-violencia-sexual-atualizado-2016.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2025.